



RELIGIÃO E PAISAGEM: A SACRALIDADE DA NATUREZA NO SERTÃO CENTRAL DO CEARÁ

■ OTÁVIO JOSÉ LEMOS COSTA¹

RESUMO:

O TEXTO MOSTRA A RELAÇÃO ENTRE PAISAGEM E RELIGIÃO, APRESENTANDO COMO REFERENCIAL O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA RAINHA DO SERTÃO, LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ, REGIÃO CONHECIDA COMO DEPRESSÃO SERTANEJA CEARENSE. OBJETIVAMOS ESTABELECEER A RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E O SAGRADO, CONSIDERANDO QUE A CRIAÇÃO DESSE SANTUÁRIO DENOTA UM STATUS DE LUGAR SAGRADO, TENDO AO SEU REDOR UMA PAISAGEM FORMADA POR *INSELBERGS*, CONFERINDO, PORTANTO UM CENÁRIO QUE CONJUGA A IMPONÊNCIA DOS ELEMENTOS NATURAIS E A FORMA SIMBÓLICA REPRESENTADA PELO SANTUÁRIO.

PALAVRAS-CHAVES: PAISAGEM, SAGRADO, RELIGIÃO, SÍMBOLO.

INTRODUÇÃO

A paisagem cultural é o resultado da ação do homem sobre a natureza, representando um cenário no qual podemos perceber a história cultural de uma área. Entre as mais diversas formas de interação entre o homem e os ambientes naturais, podemos observar que religião e natureza incorporam atributos que exemplificam com propriedade o papel do homem como agente construtor da paisagem. Essa interação permite também uma ampliação de limites pela qual a paisagem projeta a abertura do espaço terrestre e também a relação entre o que está aquém e além do horizonte, pois, conforme BESSE (2006, p. 23), "traduz visualmente e imaginariamente a promoção da geografia como discurso específico da cosmografia, consagrado à descrição da Terra universal".

O presente texto mostra a relação entre a religião e a paisagem, tomando como referencial o Santuário de Nossa Senhora Rainha do Sertão, localizado no Morro do Urucum, distante 11 km da cidade de Quixadá, região da depressão sertaneja cearense. Direcionamos nosso olhar para a forte imbricação existente entre a natureza e o sagrado, uma vez que a construção desse santuário denota um status de lugar sagrado, situado no meio de um campo de *inselbergs*, conferindo, portanto, um cenário que conjuga a imponência dos recursos naturais e a forma simbólica representada pelo santuário. A própria localização do santuário nos remete à Fickeler (1999), que enaltece os cultos da montanha, pois os mesmos atingem sua eficácia máxima na paisagem quando levam à construção de estruturas religiosas, seja em forma de capelas,

cruzes, portais, túmulos ou mosteiros. Assim, o binômio religião e paisagem constitui a tônica de nossa compreensão, associada à emergência dessa forma espacial incrustada em uma paisagem natural, direcionada para um entendimento nos quais as instituições humanas criam monumentos, conjugando assim uma íntima relação com a natureza (COONEY, 1994).

RELIGIÃO E PAISAGEM

A temática sobre a paisagem chama atenção dos geógrafos particularmente porque, levando em conta as considerações de Park, existe de um lado, um interesse crescente na paisagem enquanto produto de processos naturais e culturais. Por outro, existe a dimensão religiosa que motiva o interesse do homem naquilo que concerne à transformação da paisagem (PARK, 1996). Se os fenômenos religiosos estão frequentemente presentes na paisagem cultural, representados pela inserção de formas construídas ou não, inúmeros são os exemplos que evidenciam os impactos das crenças religiosas sobre a mesma. Estes fenômenos podem ser observados tanto em épocas pretéritas como também nos dias atuais, considerando também que os mesmos se estabelecem em diferentes escalas.

O termo paisagem em sentido amplo significa um arranjo de elementos sobre a superfície terrestre (MITCHELL, 2005). Esses elementos que correspondem aos aspectos naturais e culturais integram uma tessitura de relacionamentos que compõem a morfologia da paisagem. Entretanto, o ordenamento desses elementos está atrelado a um significado cultural que a paisagem comporta. A paisagem também está relacionada a um sistema

de representações resultando em um conjunto de práticas que incorporam as relações sociais, imbuídas de valores e crenças sugerindo sistemas simbólicos.

Ressaltasse a relevante citação de montanhas, grutas, cavernas, rios lagos, florestas, enquanto elementos naturais que compõem um elenco de lugares plenos de significados simbólicos e reconhecidos por um grande número de crenças como sítios sagrados, refletindo assim a influência do ambiente na evolução de diferentes religiões o que, por sua vez, encoraja a preservação de paisagens sagradas (PARK, 1996). Assim, a interpretação da paisagem como produto da cultura enseja questionamentos sobre o papel do indivíduo na qualidade de agente que transforma valores e crenças com relação às formas construídas ou às formas naturais e como esses valores e crenças engendram a organização dos espaços sagrados.

Importante lembrar que a criação do Santuário de Nossa Senhora Rainha do Sertão precede uma orientação na qual o espaço é consagrado a partir de uma revelação que determinaria a repetição de um arquétipo primordial. Este santuário, inaugurado em 1995 por inspiração do então bispo da diocese de Quixadá, D. Adélio Tomasin, parece aproximar-se da ideia de uma hierofania natural ou então da ideia de um caráter evocatório dado que, segundo Eliade, "no comportamento do homem religioso, a atmosfera do sagrado verifica-se em todos os planos de sua existência no qual deverá mover-se unicamente em um mundo santificado, quer dizer num espaço agrado" (ELIADE, 1996, p. 32). A inspiração do bispo em criar aquele santuário evidencia, portanto, a revelação de um lugar sagrado, configurando-se como um "cosmos",

isto é, provido de um centro. Se o homem religioso, para Mircea Eliade, só consegue viver numa atmosfera impregnada pelo sagrado, a construção do santuário obedece a uma quantidade de técnicas que são destinadas a consagrar aquele lugar. Os devotos que para lá se dirigem buscam a proteção divina, reforçando o santuário como lugar de proteção eivado de elementos sagrados. Também aí se manifestam a interação existente entre o sagrado e a paisagem admitindo que no santuário se constitua uma rede de representações sociais que podem permitir a compreensão de como os indivíduos percebem o sagrado e o natural estabelecendo uma identidade e contextualizando, através de suas falas, as representações que denotam uma paisagem natural.

O simbolismo presente nas paisagens estimula os geógrafos a uma discussão sobre as qualidades objetivas e subjetivas que estão presentes no cotidiano do indivíduo (MEINIG, 1979). As formas simbólicas poderão constituir o ponto de partida para a compreensão da realidade, na qual os indivíduos estruturam seus próprios mundos através de atos de formação de uma pluralidade simbólica (SALOMON, 1955) ou, como afirma Bourdieu (2000, p. 9), "os símbolos são instrumentos de integração social e enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação contribuem fundamentalmente para a reprodução da ordem social". Portanto, podemos pensar na localização do Santuário de Nossa Senhora Rainha do Sertão como uma forma simbólica espacial que se impõe à paisagem. Para Correa (2007), as formas adquirem uma espacialidade quando estruturadas por fixos e fluxos, isto é, por localizações e itinerários. Assim, a imponência da montanha que

abriga o santuário exprime um valor sagrado para os devotos. Não que eles cultuem os elementos da natureza presentes no santuário, representados por rochas, vegetação, entre outros, mas a paisagem lítica, indicada pela presença de *inselbergs*, exprime uma realidade transcendente e ao mesmo tempo é consoante aos elementos do sagrado, oferecendo um sentido que contribui para sugerir a manifestação divina do lugar.

A construção da paisagem simbólica reflete também o papel do homem na produção e seleção de símbolos numa determinada ação social, na qual tudo aquilo está presente na natureza e no domínio da memória coletiva, podendo tornar-se relevante para a criação de símbolos. De acordo com Eliade "a mais pálida das existências está repleta de símbolos, o homem mais realista vive de imagens" (ELIADE, 1996, p.12). Portanto, é notório verificar que os grupos sociais dão significados simbólicos às palavras, aos eventos, aos objetos, aos documentos e às pessoas, de acordo com seu contexto histórico e cultural. No que diz respeito às paisagens sagradas, direcionamos nosso entendimento para aquilo que Mircea Eliade chama de "centro" ou um lugar sagrado por excelência. O sagrado se manifesta em um microcosmo sob a forma de hierofanias elementares, contribuindo ritualmente e materializado por formas simbólicas (construções, árvores, rochedos, entre outros) ou manifestados nos símbolos associados a uma hierofania (ELIADE, 1996). Nesse sentido, as paisagens sagradas contêm um centro sagrado em torno dos quais se organiza um espaço profano.

A relação entre paisagem e religião fundamenta-se em mitos fundadores. Os lugares elevados como

as montanhas sempre foram considerados como lugares sagrados desde os tempos mais remotos (PARK, 1996). Alguns exemplos podem ser citados, a saber: o Monte Olimpo, considerado na mitologia grega como sendo a morada dos deuses, e o Monte Fujiyama, considerado sagrado para os adeptos Xintoísmo no Japão. Podemos observar, ainda, as várias manifestações contidas nos textos sagrados do cristianismo que revelam, por exemplo, a montanha como cenário para a ocorrência de milagres, revelações, sacrifícios e peregrinações. Citamos como exemplo, o Monte Horeb, as montanhas de Efraim, o Tabor, o Moriá, como lugares que evocam esse simbolismo religioso. Segundo Brito (2008, p.4), "no contexto predominantemente cristão em que nos encontramos, um fator que certamente contribui para formar esta concepção é a existência de diversas passagens e figuras bíblicas que se referem às montanhas". Dessa forma, a interpretação da paisagem sagrada constitui-se em um exercício que requer interrogações sobre o papel da religião em contextos sociais e culturais nos quais os elementos da natureza, seja o relevo, o solo, os cursos fluviais ou a vegetação, induzem o sujeito a uma representação que pode estar associada a uma imagem simbólica que representa ambientes simbólicos. (COSGROVE & DANIELS, 1988).

Estes ambientes simbólicos estruturam a paisagem enquanto um sistema de significados. Assim, segundo Blake (2005), na relação sociedade-natureza, o formato das montanhas incita às imaginações geográficas. Então, os elementos que compõem uma paisagem sagrada participam daquele sistema de significados, no qual é comunicado, reproduzido e experienciado. Os

atores sociais que efetivamente estão envolvidos e percebem uma paisagem sagrada associada à natureza, podem exprimir um discurso ao demonstrarem um sentimento de pertença.

Aqui o homem religioso identifica não apenas os objetos que estão diretamente associados ao seu microcosmo como também aqueles representados pelo ambiente natural que o cerca. A construção do santuário em uma área elevada representa também uma repetição do ato primordial: a transformação do caos em cosmos, pelo ato divino da criação. Para Eliade, o "homem transforma simbolicamente em cosmos uma repetição ritual da cosmogonia" (ELIADE, 1996, p.34). A interpretação da paisagem como um produto da cultura exige uma determinada compreensão no sentido de perceber como as pessoas traduzem valores e crenças com relação a alguns aspectos da natureza e como esses valores e crenças atribuem significados aos espaços sagrados.

A paisagem natural em um ambiente sacralizado possui também um forte significado para aquele que a identifica. Com relação ao interesse e à significação que a paisagem sagrada representa para o indivíduo, podemos encontrar semelhança naquilo que Duncan enfatiza quando estabelece a diferença entre o discurso interpretado pelo *outsider* e pelo *insider* (DUNCAN, 1990). Para o homem religioso perante uma paisagem sagrada, se ele considera-se como um *insider*, a sua interpretação procura identificar códigos de significados, estabelecendo uma íntima relação entre o meio natural e sua sacralidade. Desse modo, formas naturais podem representar para o homem religioso um simbolismo cuja interpretação alia-se ao sagrado.